

O 2 de Julho festivamente comemorado no Rio de Janeiro

UMA SESSÃO SOLENE PROMOVIDA PELA "CASA DA BAHIA"

RIO, julho — (Por via aérea) — Perante numerosa assistência, a "Casa da Bahia" realizou, no auditorio do Ministério de Educação e Saúde, uma sessão magna, em comemoração ao 2 de Julho. Presidiu aos trabalhos uma mesa integrada pelo ministro Eduardo Spinola, presidente da "Casa da Bahia", ministro Clemente Mariani, titular da pasta da Educação, general Candido Caldas, senador Aloisio de Carvalho e professor Braz do Amaral. Sobre a grande data da historia bahiana, usaram da palavra o professor Pedro Calmon, orador oficial da "Casa da Bahia" e os deputados Luiz Viana Filho, João Mendes e Nelson Carneiro.

O discurso pronunciado na solenidade pelo deputado Nelson Carneiro foi o seguinte:

"Quanto mais — Sr. Presidente, meus senhores e minhas senhoras — estudo a epopéia que hoje, por patriótica iniciativa da "Casa da Bahia", juntos celebramos, tanto mais me convengo de que, antes que um triunfo militar, ela foi o termo feliz de um largo movimento de opinião. Mas o que sobretudo a singulariza, a meu ver, é que essas vozes de reivindicação vieram das vias para a capital, depois de sagradas na bravura, no idealismo, no sacrificio dos bahianos do interior.

Antes do 7 de Setembro, a 14 de Junho, os ricos homens e os influentes políticos se reuniam em Santo Amaro — recorda o nosso imortal Afranio Peixoto — "em casa do Dezembargador Antonio José Duarte de Araujo Gondim, então ouvidor geral da Camara, para ouvir a Miguel Calmon du Pin e Almeida, que trazia carta de Domingos Borges de Barros, de Portugal, circular de Deputados ás Cortes, insubmissos á recolonização do Brasil, incitando á rebelião, com os anseios proprios e gerajs á liberdade".

Onze dias mais tarde, Cachoeira acclamava Pedro I defensor perpetuo e protetor do Brasil. E soldadesca e povo, á consulta do procurador Manoel Teixeira de Freitas, decidiam representar ao Principe sobre "a retirada da tropa europeia, por ser esta, além de desnecessaria, prejudicial ao socêgo da provincia". E á violencia do comandante de uma escuna lusitana, que atirou contra a vila, a Cachoeira respondeu com a violencia e afinal pôs a ferros toda a tripulação estrangeira.

Menos de uma semana transcorrida, a 29, era a Vila de S. Francisco que se incorporava á eloquente rebelião. Não tardariam a acompanhá-la as de Maragogipe, Valença e Pedra Branca.

Antes, assim, que a idéa contagiasse os homens de Salvador, foi no reconhecido que ela surgiu, cresceu e se tornou invencível. Em Agosto de 1822, já se havia organizado, na Cachoeira, o Conselho Interino do Governo da Bahia, integrado pelos representantes das vilas rebeladas. Justo é que, em homenagem a esses batalhadores aqui lhe repita os nomes, alguns esquecidos pela gratidão da Patria: — Francisco Gomes Brandão Montezuma, de Cachoeira; dezembargador Antonio José Duarte de Araujo Gondim, da Vila de S. Francisco; capitão Manoel

Gongalves, Maia Bittencourt, de Jaguaripe; capitão-mór Manoel da Silva Coimbra de Maragogipe; coronel Francisco Eleshão Pires de Carvalho e Albuquerque, de Santo Amaro, e Simão Gomes Ferreira Veloso, de Inhambupe. Mais tarde a esses se ajuntariam Miguel Calmon du Pin e Almeida, Manoel da Silva Carahy, Manoel Dendê Bus, Teodorio Dias de Castro, Manoel dos Santos Silva e Francisco Ayres de Almeida Freitas. Esse Conselho tem contra si o comercio e a guarnição. Mas não se entibia, não se dá por vencido. Cria corpos de voluntarios, inventa fortificações e começa o cerco de Salvador. "Era esse Conselho — escreveria, em 1923, o saudoso Alberto Rabelo — quem nomeava os comandantes para os diversos postos de terra e mar; cogitava de suprir os hospitais de sangue; requisitava escravos para servir nos corpos de 1ª linha; aumentava ou reduzia o soldo das tropas; determinava a circulação e validade das notas do Banco Nacional, que os inimigos da Independencia tratavam de desacreditar". Coube, ainda, a esse Conselho interino abastecer a armada de Cockraffe e nomear José Joaquim de Lima e Silva para o comando do exercito pacificador.

— "Aqui se percebe o sentimento de uma nacionalidade que já não é portuguesa e — diz Braz do Amaral — se nota um vigor que debalde se procura nos acontecimentos do sul. Aqui aparece a raça brasileira, que é um povo novo, reagindo, sabendo querer uma coisa, trabalhando para a conseguir e obtendo-a, através das dificuldades.

Se o que enobrece os homens é o que resulta do trabalho e é conquistado pelo valor, podemos nos gloriar do grande feito que é produto da nossa vontade e da nossa constancia, e que alcançamos pagando á Pátria o pesado tributo da guerra e do sangue. Ganhamos a independencia sem traição, nem conchavos, em batalhas dadas á luz do sol, como os povos considerados os mais nobres da terra têm realiado a suas aspirações liberais".

Antes que a 2 de Julho as tropas libertadoras, entre as delirantes aclamações do povo, chegassem vitoriosas a Solidade, muito haviam sonhado, e lutado, e sofrido por aquele dia os bahianos do interior. Sem eles, a nossa terra teria sido apenas o palco das lutas pela consolidação da Independencia brasileira. O 2 de Julho não seria obra nossa, dos nossos antepassados, dos que, como nós, formaram o seu espirito e plasmaram a sua fé no carinhoso aconchego da terra natal. Por isso é que a eles, a esses pioneiros, prefiro dirigir, nesta festa, a minha saudação. E é a sua memoria que neste instante — permiti minhas senhoras e meus senhores o faça também em vosso nome — aqui juntos desfolhamos as rosas da gratidão da nossa Bahia, tanto mais nossa quanto mais ausente dela a vida nos faz, tanto mais estremecida quanto mais ela se remova eterna, enquanto nós envelhecemos e passamos.

E sejam as vossas, as nossas palmas as pétalas dessas rosas".